



COMEMORAÇÕES DOS CINQUENTA ANOS DA **ÁRVORE**

HENRIQUE SILVA

A COR E O TEMPO

EXPOSIÇÃO 3 JULHO A 30 AGOSTO 2014



DIRECÇÃO DO PROJECTO

Amândio Secca
Presidente da Direcção
da Árvore - Cooperativa de
Actividades Artísticas, CRL

EXPOSIÇÃO

Comissárias
Laura Castro
Laura Soutinho

Organização da Recolha de Obras
Alexandra Gandra

Projecto de montagem
da exposição
Laura Soutinho

Montagem
Nelson Pinto

Seguros
MDS - Corrector de Seguros, SA

Assessoria de Imprensa/
Comunicação Social
Alexandra Gandra

Textos em vinil
Bluesmoke
Nuno Sousa Pereira

Local e data
Árvore - Cooperativa de
Actividades Artísticas, CRL
Rua Azevedo de Albuquerque,
4050-076 Porto - Portugal
3 Julho a 30 Agosto 2014

CATÁLOGO

Direcção Editorial
Manuela de Abreu e Lima

Assessoria
Sónia Alves

Textos
Laura Castro
Comissão Executiva
Manuela de Abreu e Lima

Fotografia
Luísa Coelho | Jorge Coelho
Tiago Reis

Design
Humberto Nelson

Impressão
Norprint - a casa do livro

Edição de 850 exemplares,
sendo 50 para o autor e os
restantes para coleccionadores,
colecção 50 anos e acervo
da Árvore

Depósito legal
378017/14

AGRADECIMENTOS

Ao Henrique Silva e à
Margarida Leão pela
colaboração e empenhamento;
aos coleccionadores pela
disponibilidade de empréstimo
das obras.

A todos aqueles que com o
seu trabalho tornaram possível
esta exposição.

Árvore - Cooperativa de
Actividades Artísticas CRL
Rua Azevedo de Albuquerque,
4050-076 Porto - Portugal
Tel. +351 222 076 010
Fax +351 222 076 019
geral@arvorecoop.pt
www.arvorecoop.pt

A memória um castelo oculto na cabeça, um castelo onde há portas e gavetas, sobretudo corredores
que servem aquele labirinto onde frequentes vezes nos perdemos [...]

[...] Para mim, o tema das garrafas é o elogio da água e do vinho e da vida e o tema do estúdio a
canção do trabalho [...] Quando ia ao seu estúdio, procurava sempre as figurações das suas garrafas e dos
seus estúdios, como se pretendesse, como a Alice, avançar para o outro lado do espelho, onde decerto iria
encontrar o artista na plenitude daquilo que pensa atrás de umas lunetas que ficarão numa sua mais
que provável casa-museu!

J. VIALE

COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELÊNCIA

ORGANIZAÇÃO



SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



APOIOS



Atelier, 1982
Óleo s/ papel s/ madeira – 60 x 95 cm
Colecção particular
Fotografia de Tiago Reis

A COR E O TEMPO

LAURA CASTRO¹

Óscar Lopes escreveu um dia: *Há duas maneiras extremas de ler uma multiplicidade de obras artísticas ou literárias da mesma autoria, seja um complexo romance (ou vários) um volume ou cancionero de poesias, ou um conjunto de quadros. É que podemos, logo ao primeiro capítulo, aos primeiros poemas, aos primeiros quadros, entrever uma unidade de interpretação ou de fruição, embora sujeita a rectificações posteriores; mas também podemos sustentar tanto quanto possível qualquer síntese, arriscando a proliferação da perplexidade, até que, embebidos na real e total multiplicidade dos dados, nos permitimos deixar que eles se organizem como que só por si, na experiência a que nos sujeitamos e em que nos empenhamos. O meu método predilecto é o segundo, o da resistência que retarda a presunção da leitura global, o de uma génese mediada pelo caos.*²

Teria seguido, se tivesse sido possível, a metodologia de Óscar Lopes neste magnífico excerto em que nos narra o seu modo de abordar a obra de arte. Teria seguido a sua preferência, presente neste texto com uma mestria invejável, a de quem imerge na obra para emergir outro, de quem se afunda para só depois ver de cima, de quem se submete à experiência da obra para só depois a dominar.

Mas seria esta tentativa redutível a qualquer corpo artístico? Não encontraria na natureza de certos trabalhos um obstáculo a esta vontade? Adaptar-se-ia à obra de Henrique Silva? Talvez. Pelo menos, a proposta de Laura Soutinho de concentrar a presente exposição numa certa pintura de Henrique Silva, descartando a ideia de uma exposição panorâmica, assim o terá entendido. A opção recaiu sobre a pintura que representa interiores, lugares da intimidade e os seus objectos, aquelas coisas devidamente arrumadas ou devidamente desarrumadas que ocupam os espaços de trabalho.



Interior/Exterior, 1985
Óleo s/ tela – 130 x 193 cm
Coleção particular
Fotografia de Tiago Reis

Tenho atribuído uma grande importância aos estudos monográficos sobre artistas, primeiro por uma questão de gosto, segundo pelo reconhecimento do papel que desempenham na construção do conhecimento de uma época, de uma área de influência, de uma tradição. E nestes trabalhos monográficos confronto-me com duas hipóteses de desenvolvimento que encontram um paralelismo com as maneiras extremas referidas por Óscar Lopes na sua aproximação à arte.

A primeira hipótese está ancorada nos pressupostos estabelecidos pela história, segundo os quais o percurso individual do artista é comparável ao percurso de um estilo com o seu nascimento, maturidade e decadência. Nesta hipótese a cronologia assume especial relevo e as fases, os momentos e os períodos alinham-se verticalmente, em encadeamento sequencial, desvendando a obra no fio do tempo. A previsibilidade aproxima a estratégia do primeiro método de Óscar Lopes.

A segunda hipótese está ancorada em pressupostos diferentes, os da tematização. Nesta ganham particular destaque certas constantes em alinhamento horizontal, enfrentando a obra nas suas remissões e nos seus cruzamentos. Este foi o caminho escolhido: tomar um tema transversal ao trabalho de Henrique Silva – o atelier – e segui-lo até onde ele nos permitir; conhecer outros temas e outros problemas nesse trajeto; deixar pistas para outras facetas do artista. (A descoberta de relações surpreendentes tem algo do segundo método, embora imperfeito porquanto partirei da parte para o todo e isto era precisamente o que o autor pretendia evitar ou, pelo menos, retardar).

O tema do estúdio foi amplamente desenvolvido, de Velasquez a Vermeer ou a Courbet, de Brueghel a Rembrandt ou a Goya, de Fragonard a Daumier, Matisse ou Picasso. Os pintores do século XIX manifestaram um gosto particular pela representação do atelier como lugar de tertúlia e pela sociedade que aí se construía, figurando os amigos de um círculo restrito, os compradores interessados observando obras, os modelos em descanso ou em pose, os aprendizes em sessões de estudo. Os artistas do século XX não o esqueceram. Multiplicaram as vistas de quartos de trabalho com janelas abertas à cidade, as mesas



Sem título, 1986
Óleo s/ tela – 150 x 150 cm
Colecção particular
Fotografia de Tiago Reis

e os cavaletes com todos os vestígios de uma produção ininterrupta. Outros dedicaram a sua vida a pintar o que ocorre no espaço do seu atelier, como aconteceu com Freud ou Morandi.

Em todas as épocas podemos ler os estúdios de artistas como retratos do seu tempo. Aí surgem alegorias, elementos referenciais que iluminam a sua produção, atributos das artes, símbolos dos valores estéticos que partilham, obras nas paredes e nos cavaletes que revelam importantes ligações, pinturas dentro de pinturas. Aí surgem naturezas mortas dotadas de poder simbólico em que mesas, livros, jarras, materiais de estudo, fragmentos em gesso, objectos de colecção, obras dos seus contemporâneos, são criteriosamente escolhidos.

Tão importante é o lugar da criação para conhecermos um artista, que alguns pintores se dedicaram a imaginar artistas do passado no seu espaço de trabalho, procurando deste modo evocar as suas características e exprimir as suas idiossincrasias. Veja-se o caso de Miguel Ângelo no seu estúdio, por Delacroix.

No livro *Studio and Cube*, Brian O'Doherty assinala as modalidades dos estúdios que aparecem na pintura, as dimensões que encarnam e as personalidades que espelham: [...] *centro social, incubadora de ideias, célula revolucionária, templo de uma religião nova, escritório de comerciantes, espaço convencional de ideias assimiladas, casa de culto, fábrica e espaço de produção (e exposição de produtos), clínica, cozinha limpa, sótão caótico, sítio de experimentação, covil do herói solitário.*³

Os ateliers podem ser os espaços desconfortáveis aquecidos por salamandras ou os espaços sumptuosos dos grandes pintores de história e dos grandes retratistas habituados a receber encomendas; espaços austeros como o de David Friedrich (visto por Kersting), exuberantes e quentes como o de Matisse, caóticos como o de Bacon, severos como o de Mondrian.

Em muitos casos, o artista está no seu estúdio, olhando o espectador, envolvido no seu trabalho ou observando-o a certa distância, meditando sobre ele enquanto o observa, mas também pode estar ausente da cena.



Atelier com colagem, 1986

Óleo s/ tela – 150 x 150 cm

Colecção particular

Fotografia de Tiago Reis

Pitorescos, documentais ou simbólicos, nunca são indiferentes, nem a atmosfera que os envolve, nem o ângulo de onde são captados e, muito menos, os objectos que os ocupam.

Recuo ao final dos anos 50 e aos anos seguintes para lembrar que Henrique Silva trabalhou com Vieira da Silva e Arpad Szênes. Seria estranho, porque estamos a falar de espaços de criação, não recordar este contexto importantíssimo da sua vivência artística. A experiência do atelier desdobra-se em múltiplas frentes: primeiro, a da prática da oficina em sentido estrito, no que requer de preparação dos utensílios e das matérias; depois, a do domínio dos momentos e dos tempos em que a obra se gera e desenvolve – os da organização, da produção, da contemplação e da reflexão; finalmente, a do conhecimento da função social que aí se cumpre, com a chegada de outros artistas, amigos e demais cúmplices de quanto ali se processa.

Eduardo Luís é outra presença que convém referir. E, ainda, os parentes próximos – Bonnard, Morandi, Balthus citados por Bernardo Pinto de Almeida⁴.

Henrique Silva refere que a maior aprendizagem desse tempo francês consistiu em tomar consciência da importância do *pensar antes de dizer, conhecer antes de falar e, sobretudo, refugiar-se e comunicar*. O mesmo é dizer que pensar, conhecer e refugiar-se são um modo de usar o atelier, parte elementar desse ritmo binário que caracteriza a vida do artista, relegando o dizer, falar e comunicar para outras instâncias da sua existência.

Vêm dos anos 60 as primeiras representações de ateliers e prolongam-se pelas décadas seguintes até aos anos de 2000. Sucedem-se Ybourg, Gaia, Gondar e outros não identificados. Vêm também desse período e disseminam-se por toda a carreira de Henrique Silva as bibliotecas, as estantes, os armários, os objectos pousados sobre prateleiras e outros móveis, uma garrafa de vidro, um recipiente cerâmico com pincéis, frascos de pigmentos e almotolias, canecas e tubos de laboratório, que recuperam o gosto da natureza morta, vendo-se aqui ou ali, frutos, um peixe, uma flor numa tábuia grosseira⁵. Aparecem igualmente os objectos que são uma extensão da pintura – estantes propriamente



Atelier, 1988
Óleo s/ papel s/ madeira – 47 x 63 cm
Fotografia de Tiago Reis

ditas, baús e cadeiras, biombos — e transferem para a tridimensionalidade o próprio da pintura.

Se uma certa ingenuidade (ou apenas simplicidade) propositada marca as primeiras peças e o requinte se imprime nos últimos trabalhos, o critério é sempre artístico, movendo-se pela lógica compositiva e pela hierarquia plástica. Mas nem só de convenções vivem estas peças, nelas assoma a crítica social e política (*Contribuição à Sociedade*, obra de 1975, da colecção da Câmara Municipal de Matosinhos, ou *Quando ouço falar de cultura...*). A pintura delicada nos seus matizes e nos seus temas próprios deixa-se tocar pela ironia, pelo humor, pela derisão. E nem só de convenções e de crítica se fazem estas obras, nelas perpassa uma memória afectiva e sentimental que lhes confere uma aura lírica, uma beleza tranquila a que somos sensíveis.

Há uma tradição que aqui se cumpre, uma familiaridade com géneros, modelos e meios da pintura, uma assimilação do seu léxico e a sua reconfiguração. Tudo nos chega sem aparato, de forma natural e simples, ligando presente e passado.

Há uma certa liturgia no modo de aceder ao lugar interior que é o atelier, liturgia sem solenidade e sem grandiosidade, das coisas quotidianas, dos hábitos comuns do artista, do culto dos objectos. São estes rituais que o pintor nos comunica, dizendo sem dizer, apresentando sem afirmar, mostrando sem explicar, os seus procedimentos. Sem exibição teórica e intelectual, há uma meta pintura em cada pintura.

A representação do atelier não se esgota na indicação de procedimentos e afiliações do artista. Sendo o espaço central da criação, ele aparece como núcleo gerador da obra de Henrique Silva, elemento gravitacional da sua produção. Do atelier e das naturezas mortas emergem outros temas que a exposição não contempla, mas que não poderia deixar de referenciar.

Entre os modos possíveis de usar o estúdio, está o que o toma como morada da figura feminina, elemento necessário à iconografia: pintor e modelo, modelo adormecido, nu à janela são apenas algumas variantes que arrastam outras alusões, como a do ver sem ser visto.



Atelier de Gaia, 1982

Óleo s/ papel s/ platex – 130 x 70 cm

Fotografia de Luísa Coelho | Jorge Coelho, cortesia de SLMDESIGN



Atelier, 1982/88

Óleo e pastel de óleo s/ cartão – 129 x 53 cm

Fotografia de Tiago Reis

Do jogo entre interior e exterior surge a ideia de abertura ao mundo: janelas sobre cidades e outras paisagens, janelas com cavaletes, janelas com figura, portas descerradas, enquadramentos do horizonte e molduras da natureza. O beiral da janela é a mesa de apoio onde se deitam as mulheres, onde se pousam os frutos, onde termina a paisagem.

Daqui se passa, com naturalidade, aos quadros que funcionam como janelas, providos de maçanetas, convidando à participação do espectador. Através deste dispositivo simples, se problematizam as funções da pintura (janela, muro ou espelho) e a relação com o espectador, convidado a participar e a construir a obra.

Sem pretender qualquer exaustividade na enumeração das áreas que se desvendam a partir desse tópico maior que é o estúdio do artista, é interessante referir o vídeo *Atelier Radical*, de 2006, proposta digital que compreende as funções e as variantes do atelier atrás assinaladas.

Radicam em estados de espírito diversos, as séries temáticas a que se dedica Henrique Silva: as figuras femininas em vigília erótica; as paisagens em momentos de serenidade; os interiores em recusas e revoltas que convidam à auto-análise, à introspecção, à interiorização.

O atelier representa uma pausa de reflexão, um retiro do mundo e uma pesquisa interior. O diálogo silencioso produz-se entre o artista e – nas suas palavras – *os seus fantasmas* e os objectos que o rodeiam. Os objectos personificam-se, é com eles que o pintor conversa.

Do relato de lugares e de coisas de que se ocupa a exposição, dir-se-ia que esta se orientou por coordenadas do espaço. No entanto, a lição que retiramos desta experiência fala-nos do tempo – o da biografia, o da criação, o da história, o da estabilidade e o da mudança.

A cor traduz de forma expressiva a passagem do tempo e, de entre todos os elementos da pintura de Henrique Silva, é um dos mais atraentes. Ninguém será insensível a esse tom mate, quente e aveludado que as suas cores adquirem, a essa patine que antecipa os



Sem título, 1998
Óleo s/ tela – 97 x 146 cm
Coleção particular
Fotografia de Tiago Reis

efeitos da maturação e do envelhecimento. A cor, envolvente e interior, é um dos recursos que melhor serve os propósitos temáticos da presente exposição, o intimismo dos pretextos, a suavidade e a sensualidade dos motivos, o trânsito entre o presente e o passado.

A cor identifica-o de imediato, é uma das suas assinaturas. Afinal, como disse Manuela Bronze, *a roupa do Henrique tem as cores da sua pintura antes de ser pintada: os ocres, os verdes, os vermelhos. Às vezes, um azul quase preto. As cores do vinho e da terra. E o castanho, infinitos matizes de castanho*⁶.

Cada espaço e cada objecto seriam dados absolutos, frios e despojados de carga humana se o tratamento cromático adoptado não lhes outorgasse a substância vivencial e a espessura temporal que assim detêm e que lhes atenua arestas e contornos.

Questionei o pintor sobre o uso que faz da cor e esclareceu o gosto pelos mestres holandeses e pelas suas qualidades maiores de mistério e subtilidade, e pelo doseamento sábio entre dizer e fazer silêncio. A cor é um atributo do tempo, da calma e do recolhimento silencioso.

Não deixarei, finalmente, de observar que esta redução de Henrique Silva aos espaços interiores e aos seus objectos pode induzir um pintor retirado do mundo. Nada mais falso. Henrique Silva está de bem com o mundo, com as suas contradições e os seus desacertos, com as experiências paradoxais e as vozes contrárias. Não se assusta com o debate, ao contrário, gosta de promovê-lo. Não é sobre isto a exposição, mas também é: também é sobre os grupos de artistas a que esteve ligado, as exposições que comissariou.

A sua vida manifesta total disponibilidade, no ensino, no universo associativo e cooperativo, na dinamização e na intervenção cultural e cívica, no experimentalismo de novos recursos artísticos. Não é sobre isto a exposição, mas também é: também é sobre as assemblagens, os objectos, os quadros de mexer (antes da arte interactiva), os vídeos, a fotografia, as instalações porque, de um modo ou de outro, estes processos saem também do seu atelier.



Atelier, 1988
Óleo s/ tela – 195 x 130 cm
Colecção particular
Fotografia de Tiago Reis

A sua actividade multifacetada indicia que a história se faz de confronto e de consenso, de ruptura e de encontro. Não é sobre isto a exposição, mas também é: também é sobre as instituições a que o artista pertenceu e pertence, sobre os cursos que criou, orientou e dirigiu, sobre o apreço pelo ensino formal e pelos contextos informais, sobre os congressos em que participou e que co-organizou, sobre as reuniões que promove para debater as intersecções entre ensino artístico, investigação e tecnologia, e para acompanhar o tempo e as novas práticas. No limite, a exposição também sugere a forma como soube combinar a errância da sua vida e a constância do seu trabalho pictórico. Ou não fosse esta uma exposição pertencente ao programa dos 50 anos de existência da Árvore.

E aqui seria permitido dizer que, mais uma vez, é o atelier que se abre ao mundo, é nele que desaguam os sinais do tempo, é dele que partem os elementos de transformação, novos ensaios e incursões noutros domínios⁷. O atelier é o sítio da curiosidade e ela é enorme em Henrique Silva, o que explica que, continuamente, se aplique na descoberta de livros, textos, palestras na internet, blogs, autores, obras, na versatilidade e na reinvenção da vida e da arte, na procura das fronteiras e das margens que a cultura necessariamente solicita.

¹ Escola das Artes/Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR) - Universidade Católica Portuguesa.

² LOPES, Óscar – António Fernando. Um Esboço de Leitura Possível. In FERREIRA, Serafim – *António Fernando ou o Ritual da Pintura*. Porto: Campo das Letras, 1999.

³ O'DOHERTY, Brian – *Studio and Cube*. New York, 2007, p. 10. Outras obras sobre ateliers de artistas: GAUSSEN, Frédéric – *Visites d'Ateliers*. Paris, 2001; LACAMBRE, Geneviève – *Ateliers d'Artistes*. S.I., 1991; MILNER, John – *Ateliers d'Artistes. Paris, capitale des arts à la fin du XIXe siècle*. Paris, 1990.

⁴ ALMEIDA, Bernardo Pinto de – *Henrique Silva ou a sereníssima inactualidade*. Centro Cultural Deputación de Ourense, 2006 [Catálogo de exposição].

⁵ Sobre esta temática ver: CASTRO, Laura – *As Convocatórias de Henrique Silva*. Porto: Sala Maior, 2000 [Catálogo de exposição].

⁶ BRONZE, Manuela – Esboço para um Figurino. In *Henrique Silva Um Percurso*. Vila Nova de Gaia: Casa-Museu Teixeira Lopes, 2011. [Texto lido na apresentação do livro *As Múltiplas Vidas de um Homem Só*, de Paula Alcântara Carreira, na Cooperativa Árvore, em Outubro de 2010].

⁷ O texto de Victor De Circasia – *Henrique Silva An Artist in High Seas* (2013) é uma excelente síntese acerca do modo como se articulam todas as dimensões do trabalho de Henrique Silva.